
**O PESO DOS NÚMEROS:
A QUANTIDADE COMO CRITÉRIO DA VITALIDADE ESPIRITUAL**

Eguinaldo Hélio de Souza*

Emerson Cláudio Mildenberg**

RESUMO

Este artigo trata da relação entre crescimento quantitativo e qualitativo da Igreja. Procura estabelecer as previsões de crescimento numérico do cristianismo com as previsões da perda qualitativa que acompanharia o referido crescimento. Após uma análise histórica do crescimento do cristianismo em geral e do cristianismo protestante no mundo, volto-me para o crescimento no Brasil, que se fez de modo tardio, lento e gradual, até a explosão à partir da década de 1990. Então analiso à luz das realidades do Novo Testamento, a realidade brasileira, com os efeitos da carência de solidez bíblica diante dos efeitos de uma religiosidade não bíblica. Por fim, a postura devida à igreja brasileira perante esse quadro.

Palavras chaves: qualitativo; quantitativo; espiritualidade; religiosidade; crescimento.

ABSTRACT

1

This article discusses the relationship between the quantitative and qualitative growth of the church. It seeks to establish a correlation between the predictions of Christianity's numerical growth and the foreseen qualitative loss that would accompany it. After a historical analysis of the growth of Christianity in general, and Protestant Christianity worldwide, I turn to the growth in Brazil, which was slow and gradual until the explosion starting in the 1990s. Then, in light of New Testament realities, I analyze the Brazilian reality, considering the effects of a lack of biblical solidity in the face of a non-biblical religiosity. Finally, I address the proper stance for the Brazilian church to take given this situation.

Keywords: qualitative; quantitative; spirituality; religiosity; growth.

INTRODUÇÃO

Não podemos negar o crescimento numérico dos chamados evangélicos em nosso país. Há 100 éramos uma pequena fração da população, menos de 3%. Hoje constituímos quase um

* Professor de teologia e história, jornalista, palestrante e assessor parlamentar em São José dos Campos/SP; pastor na Igreja Bíblica Vida.

** Dr. e Coordenador do programa de bacharelado em Teologia – UniFil – Londrina/PR

terço. O que isso indica? Uma igreja forte, bíblica e atuante, ou apenas efeito da religiosidade popular? Qual deve ser nosso olhar bíblico sobre essa situação?

FUNDAMENTOS ESCRITURÍSTICOS: O CRESCIMENTO PREVISTO

A leitura das parábolas relacionadas aos “mistérios do Reino dos céus”, (Mateus 13.11), narradas em Mateus 13 evidenciam de forma preditiva a inevitabilidade do crescimento do Reino. Ainda que Reino e Igreja não sejam necessariamente sinônimos, a intersecção evidente entre ambos, presume, ou mais exatamente, prediz, de forma sobrenatural, um crescimento da *ecclesia de Cristo*. O discurso, proferido na Galileia, uma província pouco relevante do Império Romano, releva seu caráter sobrenatural diante da concretização histórica amplamente inegável e conhecida. O Reino tornou-se mundial em vários sentidos e esferas.

Tal crescimento antecipado e concretizado, pode ser avaliado sob diferentes perspectivas – geográfica, demográfica, cultural, política, histórica, estatística, etc. O cristianismo permanece ainda a maior religião do mundo, não somente em termos numéricos, mas em questões de influência cultural, política e civilizacional. Mesmo seus críticos o tem como modelo e base de atuação.

Mesmo diante da rara menção de Jesus sobre a Igreja nos Evangelhos (Mateus 16.18; 18.17), Mateus coloca em seus lábios nova afirmação sobre tal crescimento – *sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*. O uso do termo “edificar”, ainda que não encerre em si a mera ideia de crescimento quantitativo, certamente o inclui de modo inevitável e natural.

FUNDAMENTOS ESCRITURÍSTICOS: O CRESCIMENTO QUANTITATIVO COM PERDA QUALITATIVA PREVISTA

As parábolas do Reino não se limitam à afirmação preditiva com respeito ao crescimento, expansão e influência. Elas evidenciam aspectos negativos incluídos nesse crescimento. Algumas das parábolas são enfáticas a esse respeito.

A parábola do joio e do trigo (Mateus 13.25, 26), a parábola da rede e dos peixes (Mateus 13.47, 48) e a parábola do fermento na massa (Mateus 13.33) ainda que a interpretação do sentido do fermento esteja aberta a controvérsia] testemunham esse fato. O Reino cresce, mas falso trigo, peixes ruins e levedura estão presentes. Isso indica um crescimento com

elementos de imperfeição. Simulacros da verdadeira igreja amalgamados no processo de crescimento.

A realidade prevista apresenta-se já no período apostólico e de certo modo é responsável pelo surgimento da literatura canônica. As epístolas foram escritas para corrigir desvios doutrinários e comportamentais. Falsos evangelhos (Gálatas 1.8, 9; 2 Coríntios 11.4); falsos ministros (2 Coríntios 11.14, 15); falsos irmãos (2 Coríntios 11.26).

As epístolas pastorais, escritas em período posterior, abundam em menções de desvio doutrinário, espiritual e moral (1 Timóteo 1.3, 7; 4.1; 6.3-5; 2 Timóteo 2.16-18; 3.7; Tito 1.10, 11)

Mesmo o último dos livros canônicos, o Apocalipse, testemunha sobre elementos nocivos e discordantes do Evangelho presentes nas igrejas citadas que devem ser reconhecidas como assembleias cristãs locais concretas nas cidades mencionadas (Apocalipse capítulos 2 e 3).

Logo, crescimento saudável e crescimento não saudável foram preditos e provados desde a gênese do cristianismo até sua expansão nos dias de hoje.

O MOVIMENTO MISSIONÁRIO DO SÉCULO XIX E O ESPALHAMENTO DO CRISTIANISMO EVANGÉLICO NO MUNDO

O século XVI foi o século das missões católicas da mesma forma que o século XIX foi o século das missões protestantes¹. A *Inquirição* de William Carey transformou a mentalidade do Protestantismo com relação à Grande Comissão e com isso a realidade prevista nas parábolas do Reino recebeu um impulso e retomou sua marcha na história.

A princípio, os destinos eram África, Índia e China. Depois a Oceania, com a Austrália e então as ilhas na Micronésia, Polinésia e Melanésia. Por fim as Américas Central e do Sul. Até o final do século XIX todos os solos do planeta já haviam sido fecundados. As sementes lançadas no período prenunciavam a colheita de homens de todo “povo, tribo, língua e nação” (Apocalipse 5.9; 7.9) das visões apocalípticas de João. Inclusive o Brasil, apesar da hesitação inicial.

¹ TUCKER, Ruth A. *Até os confins da terra*. São Paulo: Shedd, 2010.

CENÁRIO NACIONAL: O CRESCIMENTO DA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA

O Brasil foi alvo de tentativas missionárias desde o princípio. Da missão huguenote iniciada ainda na segunda metade século XVI, menos de uma década após a chegada dos jesuítas, passando pela experiência da Igreja Reformada Holandesa, o protestantismo de imigração das comunidades luteranas no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, até o trabalho prematuro dos metodistas na primeira metade do século XIX de Daniel Kidder². Ainda que infrutíferas, foram tentativas de cumprimento da Grande Comissão em solo brasileiro. Os resultados só viriam a partir de 1855 com Robert Kalley e a Igreja Fluminense.³

INEVITABILIDADE DA DIVERSIDADE PROTESTANTE/EVANGÉLICA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Ao instituir a “livre interpretação das Escrituras”, ou seja, dispensar uma força humana que regulasse as interpretações evidentes ou aparentemente erradas, o protestantismo contribuiu para o livre pensamento. Por outro lado, com a popularização das Escrituras, abriu mão de qualquer força coerciva contra distorções do Evangelho.

Então, desde a gênese, o protestantismo tornou-se multifacetado. Era inevitável. Apesar das tentativas ecumênicas, o caminho já estava traçado.

O solo brasileiro foi semeado com essa multiplicidade. Temos uma fase tímida, com algumas tentativas infrutíferas, que começa 1549 e termina em 1855. A partir dessa data temos as igrejas históricas iniciando seu trabalho (congregacionais, batistas, metodistas); seguida de pentecostais clássicos iniciando em 1910; e já na década de 1940/1950 temos o início das igrejas nativas nascidas em solo brasileiro. As décadas de 1980 e 1990 viram a explosão evangélica com modelos copiados da América do Norte e um crescimento numérico vertiginoso.

Esse crescimento vertiginoso não implicava em cuidado doutrinário, em espiritualidade bíblica ou mesmo compromisso cristão relevante. Em muitos aspectos, estava permeado de modismos e práticas divorciadas das Escrituras quando não em choque com a mesma.

² KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Brasília: Senado Federal, 2001.

³ CESAR, Elben. *História da evangelização do Brasil*, Belo Horizonte: Ultimato, 2000

PADRÕES NEOTESTAMENTÁRIOS PARA AVALIAÇÃO QUALITATIVA DAS COMUNIDADES ECLESIÁSTICAS

A literatura neotestamentária, mormente a epistolar, tinha função corretiva dentro de um contexto fático. Isso nos evoca duas percepções: 1) as igrejas desviavam-se em aspectos teológicos e práticos; 2) os desvios não deviam ser aceitos e sim corrigidos.

A expressão “sã doutrina” e “sadios na fé” revelam essa realidade (1 Timóteo 1.10; Tito 1.13; 2.1, 2). As epístolas pastorais representavam um período mais avançado cronologicamente e revelam inúmeros problemas morais e doutrinários. Fica evidenciada a realidade revelada nas parábolas do Reino. Nem mesmo a presença apostólica pode evitar joio, peixes ruins e fermento. Tal condição não anula a existência do trigo, dos peixes bons e da massa ázima.

Paralelamente, as providências indicadas nas pastorais lançam luz sobre o comportamento correto da Igreja para conservar-se entre o fenômeno do crescimento e deterioração simultâneos.

5

ALERTAS NEOTESTAMENTÁRIOS PARA AS DEFICIÊNCIAS DAS COMUNIDADES ECLESIÁSTICAS

As advertências das Cartas de Jesus, registradas do Apocalipse e direcionadas às sete igrejas da Ásia, dão conta de diversas facetas negativas de igrejas locais. Entre as múltiplas distorções e deficiências podemos falar em falsos apóstolos (Ap 2.2); esfriamento do amor (2.4); falsas doutrinas (2.15); ensinos que conduziam à idolatria (2.20); fé nominal (3.1); dubiedade (3.15); arrogância em meio à decadência (3.17, 18).

Nenhum crítico anticlerical conseguiria traçar um quadro mais escuro da Igreja. No entanto, os receptores das missivas eram identificados como igreja verdadeira, uma vez que se assim não fosse não poderia observar a distorção das mesmas e resistir ou mesmo propor mudanças.

Logo, temos um padrão que nos permite identificar dentro da igreja brasileira, comportamentos conflitantes com a sã doutrina, sejam estes conflitos doutrinários, sejam morais.

A espiritualidade verdadeira é aquela contida nas Escrituras e somente a obediência a elas identifica práticas verdadeiramente espirituais: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça que é mandamento do Senhor o que estou escrevendo para vocês” (1 Coríntios 14.37 NAA)

DIAGNÓSTICO DA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA A PARTIR DOS PADRÕES E ALERTAS ESCRITURÍSTICOS

O Evangelho no Brasil sofreu muito com um anti-intelectualismo, que não apenas desenvolveu uma piedade inulta, mas, o que é mais grave, uma piedade anti-teológica. Pelo menos em alguns dos seus segmentos. E essa piedade inulta, anti-teológica, perpetuou-se através de líderes. Ainda que não se possa de forma alguma duvidar da sinceridade de muitos, sinceridade sem conhecimento gera deficiência.

Este fato gerou, ao invés de uma piedade bíblica, uma espiritualidade anêmica e infantil em muitos casos, uma religiosidade popular alicerçada em fundamentos humanos e superstições, com um selo “cristão” em sua embalagem.

6

Entre as características dessa espiritualidade deficiente temos o nominalismo, legalismo, a imaturidade, o sincretismo, a religiosidade não bíblica.

Uma visão distorcida da natureza da igreja, de certa forma a igualou com empreendimentos comerciais, tornando-a muitas vezes uma organização criada para dar lucro aos seus proprietários.

Outras vezes a falta de equilíbrio entre graça e discipulado produz cristãos de mal testemunho, embora essa realidade seja mais comum em países onde o protestantismo possui raízes na tradição estatal.⁴

Não poucas vezes tais grupos introduziram práticas estranhas ao evangelho, assemelhando-o às religiões pagãs.

Por seu empenho empreendedor esses grupos adquiriam visibilidade midiática inconteste, expondo na vitrine da nação um produto falsificado, um arremedo de evangelho. O quadro evangélico brasileiro, quando observado de perto pelo prisma das Escrituras, revela a desqualificação em meio à quantidade.

⁴ SÉRIE LAUSANNE, *Chamam-se cristãos* (Brochura 9). ABU e Visão Mundial, 1982, p.35

Que fazer?

Não há retorno na história. Os desvios iniciados na igreja primitiva produziram a igreja medieval paganizada. O crescimento inevitável do cristianismo produzirá versões irreconhecíveis do cristianismo. O protestantismo, libertando-se do dogmatismo castrante, abriu a porta para a diversidade legítima, mas também para a falsificante. Não há solução definitiva. Há apenas cuidados válidos para evitar uma corrupção plena da noiva e estabelecer padrão para os sinceros.

Se há líderes legítimos estabelecidos pelo Espírito (Atos 20.28), há lobos devoradores que não pouparam o rebanho (Atos 20.29, 30).

Nos resta:

- Sustentar com a vida e com o ensino a verdade dada aos santos (1 Timóteo 3.15; Judas 3).
- Tornar a revelação divina o padrão para toda correção e ensino (2 Timóteo 3.14-17)
- Expor os falsos evangelhos e falsos conceitos com ousadia, perícia e sabedoria (Gálatas 1.8, 9; 2-4) para que os sinceros percebam a diferença.
- Ter consciência de que não cabe a nós arrancar a força o joio inevitável. Haverá um momento para isso (Mateus 13.28-30)

7

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Nem o ufanismo estatístico e nem o pessimismo dogmático devem dominar a verdadeira de Igreja de Cristo. Não temos papas ou senhores da Igreja que possam simplesmente arrancar o joio e estabelecer os padrões bíblicos à força. Até porque esse não é o caminho. Cada um de nós tem seu quinhão e sua missão. Cumpre realiza-la em humildade e temor.

Mas nosso trabalho começa com a consciência de que, como sempre, uma parte da igreja terá nome de quem vive quando na verdade está morta (Apocalipse 3.1). Devemos salvar os que estão morrendo (Apocalipse 3.2) e deixar que os mortos enterrem seus mortos (Lucas 9.60)

REFERÊNCIAS

SÉRIE LAUSANNE. *Chamam-se cristãos* (Brochura 9). São Paulo: ABU; Visão Mundial, 1982. p. 35.

TUCKER, Ruth A. *Até os confins da terra*. São Paulo: Shedd, 2010.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Brasília: Senado Federal, 2001.

CÉSAR, Elben. *História da evangelização do Brasil*. Belo Horizonte: Ultimato, 2000.